



# Transformações do rural/urbano na China e os gerentes chineses no Amazonas: novas conexões do trabalho

## Relationship between changes in the rural/urban of China and the Chinese managers in the Amazonas: new connections of labor

Cleiton Ferreira Maciel Brito<sup>a,b</sup>; Jeanne Mariel Brito de Moura Maciel<sup>c,d</sup>

### Resumo

Fruto de pesquisa de doutorado em andamento, o objetivo do texto é apontar a relação entre as transformações socioeconômicas da China contemporânea e o deslocamento de gerentes chineses para fábricas de Manaus. Para tal propósito, primeiramente descrevemos os principais aspectos envolvendo a questão rural e urbana na era Mao. Em seguida, discutimos como o direcionamento político-econômico promovido pelo “socialismo com características chinesas” de Deng Xiaoping provoca um conjunto de transformações no meio rural chinês, gestando um processo migratório em massa às cidades. Abordamos, ainda, como a política de abertura econômica transforma a China na segunda maior economia do mundo, tendo como uma das suas principais características a expansão de sua cadeia produtiva em direção a outros países. No Brasil, Manaus irá se constituir como um dos principais territórios produtivos a receber os investimentos chineses. Dessarte, apresentamos relatos de trabalhadores chineses da Zona Franca de Manaus que vivenciaram esse processo, cujas trajetórias de vida revelam que suas emigrações para o Amazonas e o perfil dos seus empregos em Manaus estão ligados a essas macro mudanças ocorridas na China.

**Palavras-chave:** China; rural/urbano; gerentes chineses; Zona Franca de Manaus.

### Abstract

As a result from a doctoral research in progress, the goal of this text is to point out the relationship between the socioeconomic transformations of contemporary China and the displacement of Chinese managers to Manaus factories. For this purpose, first we describe the main aspects involving the rural and urban issues in the Mao era. Then we discuss how the political and economic direction promoted by “socialism with Chinese characteristics” of Deng Xiaoping causes a set of transformations in the Chinese countryside, gestating a migratory process to cities. Approach even as the economic policy of openness makes China the second largest economy in the world, having as one of its main features the expansion of its supply chain towards other countries. In Brazil, Manaus will be one of the main productive territories to receive

---

<sup>a</sup> Doutorando em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, São Carlos, SP, Brasil.  
Contato: cleiton.keto@hotmail.com

<sup>b</sup> Bolsista do Programa RH, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas - FAPEAM, Manaus, AM, Brasil.

<sup>c</sup> Doutoranda em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, São Carlos, SP, Brasil.  
Contato: maribrito21@yahoo.com.br

<sup>d</sup> Professora Assistente, Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD, Faculdade Intercultural Indígena - FAIND, Dourados, MS, Brasil.



Chinese investments. Thus faces we present Chinese workers reports of Manaus Free Trade Zone who experienced this process, whose life trajectories reveal that their emigration to the Amazon and the profile of their jobs in Manaus are linked to these macro changes in China.

**Keywords:** China; rural/urban; chinese managers; Manaus Free Trade Zone.

## A era Mao: pilares da China no século XX

Até ao ano de 1949 a China era um país extremamente pobre, com quase 90% do valor de sua produção provindos do campo. O país tinha uma população total de 541 milhões de habitantes, sendo a maioria constituída por camponeses<sup>1</sup>. Nesse período, a classe operária representava cerca de 10% da mão de obra do país, e os trabalhadores rurais eram a base da força produtiva.

Esse processo de subdesenvolvimento da China estava associado, em grande medida, à perda de autonomia sobre seu território no século XIX e começo do século XX, diante das imposições de países como a Inglaterra, França e Japão. Contudo, apoiado pelos camponeses e em uma aliança com pequenos grupos operários, Mao Tsé-Tung liderou um processo revolucionário que redundou na fundação, em 1949, na República Popular da China tendo como primeiro presidente o próprio Mao, cujas realizações terão implicações fundamentais nos caminhos que a China percorrerá durante todo o século XX.

Com efeito, uma vez no comando da China, Mao Tsé-Tung analisou como estava estruturada a sociedade chinesa, observando a posição econômica das classes sociais. Diante disso, uma das primeiras ações do governo da era Mao foi promover o confisco de bens das quatro grandes famílias chinesas – Jiang, Song, Kong e Chen – e usar esse patrimônio para criar uma indústria nacional, baseada na siderurgia, através de empresas estatais. Os resultados da indústria foram exitosos: já em 1952 o valor da produção industrial elevou-se em 44,8%, numa média de crescimento anual de 13% (ZHENG, 2004).

Nas cidades, as empresas estatais se estabeleceram como pivô do desenvolvimento da indústria. Elas passaram a ser unidades de trabalho (*work unit*) onde os trabalhadores, nas palavras de Mao, se tornaram os “senhores das fábricas”, gozando de uma série de direitos, como moradia, alimentação, pensão e estabilidade no emprego durante toda a vida (*lifelong employment*). Esse processo ficou conhecido como *Iron Rice Bowl*, por conta do aparato social que o Estado concedia ao trabalhador (YUANLUN, 2004).

Outra medida tomada pelo governo de Mao foi realizar uma grande reforma agrária, confiscando as terras de latifundiários para distribuir aos camponeses que não possuíam terra. Esse processo se deu através da coletivização da área rural, onde a terra passou a ser do Estado, mas este concedia a terra a grupos de indivíduos. A coletivização da terra encarnou-se em dois programas promovidos pelo Partido Comunista Chinês: o Movimento de Cooperativas Agrícolas e Comunas Populares (CHANGHONG, 2004).

As principais características do Movimento de Cooperativas Agrícolas e Comunas Populares residiram no fato de a terra e outros meios principais de produção tornarem-se de responsabilidade da comunidade, sendo os produtos produzidos na cooperativa distribuídos de acordo com a quantidade de trabalho de cada membro da cooperativa. Já o excedente era comprado pelo Estado, geralmente a preços muito baixos. Além disso, a cooperativa deveria dar o “grão público”, que era a forma do Estado cobrar imposto sobre a produção (ZHAO, 1999).

<sup>1</sup> Na década de 1950, mais de 90% da população chinesa viviam no campo. Hoje são 47%.

Segundo dados da Academia Chinesa de Ciências Sociais *apud* Guoyng (2004), mais de 300 milhões de camponeses receberam 730 milhões de metros quadrados de terra sob o sistema do Movimento de Cooperativas Agrícolas e Comunas Populares. Isso possibilitou que a população rural, que antes não tinha acesso à terra e padecia sob a fome, passasse a produzir uma grande quantidade de cereais, não obstante a compra e a venda dos grãos serem prerrogativas do Estado.

Contudo, esse sistema industrial e agrícola formulado por Mao, embora tenha sido exitoso nos primeiros anos, se mostrou pouco produtivo nos anos de 1960 e início de 1970.

As limitações do plano industrial deveram-se, segundo Guoyng (2004), ao fato de se perseguirem resultados produtivos sempre maiores sem, contudo, capacitar a força produtiva. Requeria-se, por exemplo, que a produção de aço de 1958 fosse o dobro da de 1957 (5,35 milhões de toneladas), mas sem o aumento da produtividade do trabalhador. Isso é explicado também por Jianzhou (2006) que postula que, embora o emprego por toda a vida fosse, de fato, uma peça chave para o governo de Mao, tal forma de organização do trabalho levou a um excesso de mão de obra na indústria, redundando em baixa produtividade nas empresas estatais.

Além disso, como apontam Maciel e Moura (2014, p. 144),

[...] o modelo de produção baseado no *universal lifelong employment* tinha esgotado a eficiência das empresas estatais: estas “comiam do pote” do Estado Comunista, e os trabalhadores “comiam do pote” das empresas estatais, não havendo espaço para a criatividade, otimização da produção e para o entusiasmo por parte dos operários.

No que se refere aos problemas na execução do plano de desenvolvimento do meio rural, Chanchong (2004), relaciona-os ao fato de que muitos chefes de comunas, em troca de favores de membros do Partido Comunista, desviavam parte da produção, e depois distribuíam entre aqueles que faziam parte do Partido, levando estes a “empurrarem o trabalho com a barriga”; outrossim, as terras das comunas possuíam características distintas, e conforme eram usadas para o plantio, perdiam sua capacidade fértil, ao mesmo tempo em que o governo não promovia um planejamento técnico para recompor as áreas com solo empobrecido. Pelo contrário, através do “Grande Salto Adiante”<sup>2</sup> fomentou ainda mais a ocupação das áreas rurais, o que as levou à exaustão e à baixa produção, resultando na morte de milhões de chineses (entre 20 a 50 milhões) (PINHEIRO-MACHADO, 2013).

Tal processo foi agravado ainda mais por conta do sistema de registro de residência chinês (*hukou*), criado em 1958, que estabelecia um registro segundo o local de nascimento das famílias – urbano ou rural – e um perfil do tipo de trabalho desenvolvido por elas – agrícola ou não agrícola. Na prática, isso significava que aqueles que possuísem um *hukou* de determinada localidade não gozariam de direitos sociais em outra localidade, tornando-se, assim, indivíduos “flutuantes”, o que redundou em perda da capacidade de mobilidade da população, e conseqüentemente, um sufocamento do sistema econômico engendrado por Mao Tsé-Tung.

Outro fator que explica as limitações do modelo proposto por Mao foi, segundo Jabbour (2010), o desprezo da subjetividade camponesa através do processo de elaboração de comunas que se estruturou “de cima para baixo”, quer dizer, sem levar em conta a sabedoria milenar dos camponeses.

Essas formas comunais de produção podem ser descritas como a essência negativa da produção regionalizada e autossustentada. O objetivo de passar a produção industrial inglesa em apenas 10 anos (somente ultrapassou no ano de 2006), a partir de fornos de fundo de quintal e “arrocho” sobre a produção de excedentes agrícolas – num país que ainda hoje convive com

<sup>2</sup> Uma política econômica formulada pelo Partido Comunista que buscava modernizar a China em poucos anos através de um plano quinquenal (1958-1963) de incentivo à indústria e à agricultura. Na década de 1960 o plano redundou em resultados negativos para a economia da China. Aproximadamente 20 milhões de pessoas morreram por conta da fome decorrente de secas e inundações, da falta de apoio técnico à agricultura, e da queda da produção industrial. Para um debate sobre o tema, ver: Milaré e Diegues (2012).



formas de produção na agricultura do século XVII –, foi a senha para verdadeiros desastres como o “Grande Salto à Frente” e a própria Revolução Cultural, que ceifaram a vida de milhões de camponeses e abalaram as relações entre Estado e base camponesa, que foi restabelecida somente com a subida ao poder de Deng Xiaoping em 1978 (JABBOUR, 2010, p. 291).

## **A Era Deng: abertura econômica e ascensão mundial da China**

Com a morte de Mao Tsé-Tung em 1976, e diante da crise do setor produtivo chinês, Deng Xiaoping, líder do Partido Comunista, passou a comandar o país, instituindo “as quatro modernizações”: agricultura, indústria, defesa e ciência e tecnologia. A ideia de Deng era, primeiramente enriquecer algumas regiões, para depois, diante do aprendizado, enriquecer outras partes do país (JABBOUR, 2010).

No plano da agricultura, Deng reformou o sistema de concessão de terras. A partir de 1979 passava a vigorar não mais as comunas populares, mas o contrato familiar de responsabilidades nos negócios. Neste sistema a terra passou a ser dividida entre as famílias, que poderiam explorar a área por um período de até 15 anos<sup>3</sup>. E, ao contrário da reforma promovida por Mao, esta permitia que o excedente produzido pudesse ser comercializado no mercado, criando um entusiasmo na população rural, que passou a resumir o sistema com o seguinte ditado: “Prover o necessário ao Estado, dar o suficiente ao coletivo e o restante para si mesmos” (GUOYNG, 2004).

Dessa forma, Deng Xiaoping restabeleceu o pacto entre o Estado e a classe camponesa, promovendo a institucionalização do acúmulo individual entre os camponeses. Podendo poupar parte da produção para si mesmos, os camponeses passaram a planejar o processo produtivo, que contou ainda com a ação do Estado na gradação tecnológica, tecnificando a agricultura, tornando maior o número de áreas irrigadas, aumentando a produção e o consumo de fertilizantes, e promovendo a eletrificação do meio rural da China. Também passou a ser permitida a contratação de até 7 trabalhadores por cada família, fazendo com que houvesse o assalariamento no meio rural. Acresce a isso o estabelecimento da política do filho único<sup>4</sup>, que ensejou um maior planejamento no seio das famílias rurais chinesas (SUKUP, 2002).

Diante disso, a China pode sair de um patamar de produção de 277 milhões de toneladas de cereais em 1980, para o pico de 400 milhões de toneladas em 1990, 405 milhões de toneladas em 2000, e 540 milhões de toneladas em 2012 (CHINA STATISTICAL YEARBOOK 2014 *apud* JABBOUR, 2010), tornando o maior produtor de cereais do mundo, não obstante ter apenas 121 milhões de hectares de terras em condições de plantio<sup>5</sup>. De importador de grãos, a China passou a exportá-los, agregando-lhes valor. Com isso, a participação agrícola no PIB aumentou 2,456 vezes em relação a 1978, uma taxa de crescimento progressivo de 5%.

Outro fator de reforma importante no sistema rural chinês foi o relaxamento gradual do registro de residência<sup>6</sup>, *hukou*, desde o início dos anos de 1990, que tem permitido que trabalhadores sem condições de emprego em sua área de *hukou* original possam migrar para outras áreas<sup>7</sup>.

<sup>3</sup> Em 1996, o prazo foi estendido para 30 anos.

<sup>4</sup> A Política do Filho Único foi promulgada no final da década de 1970, com o objetivo de controlar o crescimento da população, ficando expressamente proibido qualquer casal ter mais de um filho. Mas houve exceções, como por exemplo, os casais que moravam nos meios rurais, que podiam ter até dois filhos, se o primeiro fosse mulher. Em 2013, houve uma flexibilização, permitindo aos casais urbanos terem o segundo filho, mas apenas se um dos pais fosse filho único. Em 2015, essa política foi extinta, permitindo que casa casal tenha até dois filhos.

<sup>5</sup> O Brasil possui cerca de 400 milhões de terras aráveis potenciais.

<sup>6</sup> A mobilidade passou a ser permitida, mas o acesso aos direitos não foi igualado. Para mais detalhes ver: Nabuco (2012).

<sup>7</sup> Por ano, cerca de 6 milhões de pessoas deixam sua área de residência original e migram para outras províncias, geralmente, àquelas com grande projeção industrial, como Xinjiang, Fujian, Yunan e Guangdong.

Ademais, foi permitida a migração por motivo de estudos universitários, o que sinalizou uma clara proposta do governo de fomentar a educação superior em todo o país (CHANGHONG, 2004).

No plano industrial, as reformas promovidas por Deng Xiaoping envolveram a “abertura ao mundo exterior” por um período de cem anos (ZEMIN, 2002). Essa abertura se deu por etapas, e foi denominada por Deng como “A Grande Experiência”, por meio de atração de investimentos estrangeiros e a recuperação de áreas costeiras que, no século XIX, haviam sido eminentes áreas de comércios com o mundo exterior. Não é coincidência, pois, que os primórdios da abertura tenham se dado, exatamente, nas regiões historicamente ligadas ao comércio internacional. Existia – e isso é importante – uma tentativa chinesa de recuperar simbólica e praticamente o pioneirismo econômico dos territórios chineses, como a província de Guangdong.

Como parte do plano, inicialmente foram abertas quatro regiões<sup>8</sup> estratégicas no sentido de desenvolver um sistema de comércio e de atração de investimentos direto estrangeiro, as chamadas Zonas Econômicas Especiais (ZEEs), possuindo carga tributária inferior ao restante do país (MASIERO, 2006). Nessas regiões foram estabelecidos sistemas tarifários especiais, reduzindo os procedimentos administrativos em torno da importação e exportação de produtos, e mais especificamente, uma tarifa mínima, e no limite, a isenção de impostos sobre insumos que tivessem como destino a fabricação de produtos voltados para o mercado internacional (CUNHA; ACIOLY, 2009).

Shenzhen, por ser próxima a Hong Kong, foi a primeira região a se tornar uma ZEE, atraindo inúmeras empresas internacionais para a região. Tempos depois, em 1984, foram lançados novos pacotes liberalizantes, criando mais quatorze cidades abertas para atração de capital estrangeiro, dentre elas, Xangai. Em 1993, após a viagem de Deng Xiaoping ao sul da China – onde viu a prosperidade da região em comparação com o restante do país – foram criadas mais 18 Zonas. Já nos anos 2000, foram criadas dezenas de regiões de atração de investimento, só que desta feita, no interior da China, tentando-se, assim, levar o desenvolvimento para outros lugares do país.

Face ao estabelecimento das indústrias nessas regiões, e graças ao relaxamento do sistema *hukou*, houve um intenso processo de migração de populações rurais rumo às cidades do litoral em busca de emprego nas indústrias. Para se ter uma ideia, em 1978, a população urbana da China era de 170 milhões de habitantes. Atualmente este número está em cerca de 700 milhões. Parte do contingente de migrantes<sup>9</sup> não é absolvida pelas indústrias, e acabam voltando para as áreas rurais, já que em algumas províncias o *Hukou* ainda é bem rígido no tocante à garantia de acesso de populações provenientes de outras regiões à saúde e à educação. Mas a parte dos migrantes absolvidos tem sido fundamentais à economia chinesa, sendo responsáveis por 20% do crescimento do PIB chinês<sup>10</sup>, segundo estudos da Academia Chinesa de Ciências Sociais (CHANGHONG, 2004).

Como resultado desse processo de abertura, o PIB da China passou a crescer a taxa de 10% anualmente, em média. Inúmeras empresas multinacionais se instalaram no país, principalmente na região de Guangdong, onde há hoje mais de 400.000 fábricas, representando 35% da exportação nacional.

Segundo dados da *United Nations Conference on Trade and Development* (UNCTAD *apud* CUNHA; ACIOLY, 2009), até 1991, os fluxos de investimentos estrangeiros na China situavam-se abaixo de US\$ 5 bilhões ao ano. Contudo, diante da atração de novos capitais internacionais

<sup>8</sup> Shenzhen, Zhuhai e Shantou, em Guangdong; e Xiamen, na Província de Fujian.

<sup>9</sup> Estima-se que até 2020 mais de 300 milhões de pessoas irão migrar rumo às cidades chinesas.

<sup>10</sup> Através de inúmeras greves, os trabalhadores migrantes também têm sido responsáveis por pressionar o governo pela promulgação de legislações trabalhistas que visem dar-lhes um leque de direitos e protegê-los dos baixos salários, da alta quantidade de horas extras, e das condições de trabalho insalubres, que ainda são bastante comuns na China. Para mais detalhes, ver: Maciel e Moura (2014).



resultantes da viagem de Deng ao sul da China, esse montante passou a casa de US\$ 60 bilhões em finais da década de 1990, e em 2007 chegou a US\$ 83 bilhões, fazendo com que o estoque de investimento estrangeiro na China somasse US\$ 327 bilhões (BIATO JUNIOR, 2010).

Esse estoque de capitais constituiu-se, podemos dizer, o “pulo do gato” para que a China chegasse a ser hoje não apenas a segunda maior economia do mundo, atrás apenas do Estados Unidos, mas também o maior exportador e importador mundial. Ademais, fomentando a entrada de capitais globais, a China estruturou uma indústria nacional que passou a fabricar desde manufaturados simples, a produtos de alta tecnologia, como carros, motos, computadores e celulares, com vistas à exportação.

Foi com este objetivo – aumentar a pauta e quantidade das exportações – que em 2001 a China passou a fazer parte da Organização Mundial do Comércio, fato este que resultou em uma maior participação na venda de manufaturados para os mercados norte-americano e europeu (JABBOUR, 2010).

Contudo, sua entrada na OMC representou uma maior abertura ao mercado doméstico para as empresas estrangeiras, gerando, assim, elevação da concorrência e induzindo as firmas chinesas ao processo de conquistas de novos mercados. Esse processo de internacionalização das empresas chinesas foi fortemente influenciado pelo governo chinês, que passou a incentivá-las via mecanismos de financiamento e de facilitação do processo administrativo para a realização de investimentos diretos no exterior em áreas estratégicas. Em face disso, o investimento externo chinês saltou do valor de US\$ 27,8 bilhões registrados em 2000, para cerca de US\$ 229,6 bilhões no fim de 2009 (LEÃO; PINTO; ACIOLY, 2011).

Tal processo tem visado a concretização de, pelo menos, três objetivos: a) obter acesso às matérias-primas (petróleo, ferro, aço e madeira) profícuas à continuidade do agressivo crescimento econômico chinês; b) garantir o suprimento de alimentos necessários a uma população que já ultrapassa 1 bilhão e trezentos milhões de indivíduos; e, por fim, c) adentrar os mercados nacionais e regionais via o estabelecimento de empresas chinesas nos parques industriais desses países ou através da compra de empresas já instaladas nos mesmos (ACIOLY; PINTO; CINTRA, 2011).

## Os investimentos chineses no Brasil

Dentro desse conjunto de objetivos elencados, o Brasil emergiu enquanto “parceiro” fundamental à realização dos interesses do capital chinês. Provas disso são o Plano Decenal 2012-2021<sup>11</sup> assinado em 2012, o volume de capital chinês já investido no Brasil, os investimentos chineses anunciados<sup>12</sup>, bem como a venda à China de produtos brasileiros de valor agregado, que tem mostrado o claro interesse dos dois países em manterem um caminho de cooperação nos próximos anos. Para se ter uma ideia da dimensão dessa relação estratégica, o investimento da China no Brasil de 2003-2011<sup>13</sup> ultrapassou a marca de US\$ 37 bilhões, abrangendo os setores petrolífero, financeiro, mineração, energia elétrica, duas rodas e eletroeletrônicos, distribuindo-se pelos diversos estados.

Por unidade da federação, o estado do Rio de Janeiro emerge como o principal destino dos investimentos chineses, representando 20% do total. Essa participação dá-se, principalmente,

<sup>11</sup> Dentre os objetivos desses planos, se destacam: a) Fortalecer as consultas políticas sobre temas bilaterais e multilaterais de interesse mútuo; b) Estabelecer metas precisas e objetivas para cada uma das áreas de cooperação com base em iniciativas específicas; c) Promover o intercâmbio de experiências nacionais em áreas de interesse mútuo; d) Monitorar e avaliar as metas estabelecidas e as atividades empreendidas pelos vários organismos envolvidos.

<sup>12</sup> Em visita oficial ao Brasil em 2015, o primeiro-ministro chinês, Li Keqiang, anunciou que nos próximos anos a China investirá no país cerca de US\$ 53 bilhões nas áreas de energia, mineração, obras de infraestrutura e manufatura.

<sup>13</sup> Os projetos de investimentos chineses no Brasil nos anos de 2012 e 2013 totalizaram cerca de US\$ 7 bilhões.



nos setores de Petróleo & Gás e Metalurgia. Já quando se excluem os investimentos do setor de metais, o estado do Amazonas se destaca como principal destino do capital chinês.

A presença chinesa no Amazonas é notória pela quantidade de empresas instaladas no estado, as quais respondem por investimentos da ordem de mais de US\$ 700 milhões de 2003 a 2011<sup>14</sup>. São cerca de 40 empresas que já empregam 26% da mão de obra da Zona Franca de Manaus. A maior parte dos investimentos dessas empresas concentra-se nos setores de Duas Rodas e de Eletroeletrônicos (92%).

## Os gerentes chineses da Zona Franca de Manaus

A pesquisa de doutorado, da qual esse artigo é parte, tem como foco de estudo esses dois setores industriais que receberam grande soma do volume do investimento chinês no Amazonas. Isso por que, a maior parte da produção de produtos eletroeletrônicos e duas rodas do Brasil concentra-se em Manaus, capital que abriga desde a década de 1960 um modelo de desenvolvimento – a Zona Franca de Manaus (ZFM) – baseado na atração de investimentos externos via concessão de incentivos fiscais<sup>15</sup> e de infraestrutura necessária à instalação das empresas com projetos aprovados pela SUFRAMA<sup>16</sup>.

Manaus é, nessa perspectiva, um espaço da globalização; é parte de um sistema de fluxos. E nestes, como aponta Castells (2009), não estão envoltos apenas recursos financeiros, mas fluxos de cultura, que congregam projetos, trajetórias e identidades de indivíduos. Há aqui, portanto, uma característica peculiar da economia-mundo moderna: a globalização econômica como também globalização de fluxos de força de trabalho para outras regiões do planeta, que levam vínculos para os lugares e criam vínculo nos lugares, nos espaços do global.

No caso específico deste artigo, que discute características da relação China-Brasil, uma vez contextualizado o âmbito macro do processo, quer dizer, estabelecida uma narrativa geral sobre a estrutura econômica e social da China, vale apontar como indivíduos se comportam dentro deste espaço de fluxos. Para isso, é necessário proceder a uma análise das especificidades, a fim de compreender o fenômeno maior: os espaços produtivos da globalização.

Para isto, fizemos pesquisa qualitativa com sete gerentes de empresas chinesas que se instalaram no Pólo Industrial de Manaus a partir do ano 2000. Abordaremos a seguir duas dessas entrevistas<sup>17</sup> com gerentes chineses, os quais ocupam cargos-chaves em duas grandes empresas chinesas do Pólo Industrial de Manaus. A primeira empresa<sup>18</sup> chama-se Ghonzhuh Air Conditioner<sup>19</sup>, fabricante de condicionadores de ar, e é uma estatal da China. A segunda chama-se Fang Zhong TV<sup>20</sup>, fabricante de televisores, de capital privado.

A pesquisa foi realizada através de entrevistas engendradas depois de visitas às plantas das fábricas no ano de 2014. Explicamos: quando conhecemos os gerentes chineses nas

<sup>14</sup> Segundo dados prévios da SUFRAMA, os investimentos chineses no Amazonas em 2012-2014 totalizaram cerca de US\$ 300 milhões (SUPERINTENDÊNCIA..., 2015).

<sup>15</sup> Entre os incentivos fiscais concedidos, se destacam: redução de até 88% do Imposto de Importação (I.I.) sobre os insumos destinados à industrialização; isenção do Imposto sobre Produtos Industrializados (I.P.I.); redução de 75% do Imposto de Renda de Pessoa Jurídica, inclusive adicionais de empreendimentos classificados como prioritários para o desenvolvimento regional; e isenção da contribuição para o PIS/PASEP e da Cofins nas operações internas na Zona Franca de Manaus.

<sup>16</sup> Superintendência da Zona Franca de Manaus. Órgão de gerenciamento da ZFM criado pelo Governo Federal no momento de instalação da própria ZFM, em 1967.

<sup>17</sup> Essas entrevistas foram as primeiras a serem completadas, transcritas e analisadas. As entrevistas com os outros gerentes chineses estão em processo de transcrição e serão abordadas no corpo da tese intitulada: *Made in China, Produzido em Manaus: as fábricas chinesas na Amazônia, com previsão de defesa para fevereiro de 2017.*

<sup>18</sup> Os nomes das empresas são fictícios.

<sup>19</sup> Esta empresa tem mais de 80 mil funcionários trabalhando na fábrica da China. Na fábrica de Manaus são 300 trabalhadores.

<sup>20</sup> Esta empresa tem cerca de 25 mil funcionários na fábrica da China. Na fábrica de Manaus são 500 trabalhadores.



fábricas, perguntamos se poderíamos marcar um dia para conversar fora das empresas, e eles (à exceção de uma gerente de uma fábrica de motocicletas) aceitaram. Assim, em 2015 nos encontramos primeiramente em shoppings da cidade, e depois saímos para comer em restaurantes e lanchonetes.

## **A trajetória dos gerentes chineses: o caso de André Shang**

Nosso primeiro entrevistado foi André Shang<sup>21</sup>, 32 anos, gerente de importação da empresa Ghonzhu Air Conditioner. Ele está no Brasil há 6 anos. Shang nasceu na Província de Hunan, em um pequeno vilarejo. Contou-nos que sua família era composta por pais agricultores muito pobres, que plantavam arroz e legumes.

*[...] A gente plantava só para comer. Não vendíamos nada. Meus pais gostavam que eu estudasse e fosse para a universidade e trabalhasse numa grande cidade. Mas eles não tinham ideia de uma profissão para mim. Eles só pensavam que eu deveria estudar numa boa universidade.*

E foi o que aconteceu. Após terminar seus estudos no vilarejo aos 17 anos de idade, Shang foi estudar em uma universidade de outra província chinesa, o que, como pontuamos no artigo, foi possibilitado pelo sistema *hukou* em caso de migração por conta de questões universitárias. Isso mostra que a geração pós abertura econômica já possui um maior acesso à educação, podendo cursar uma faculdade, algo improvável para a geração de camponeses da era Mao – caso dos pais de Shang, os quais, por conta do trabalho pesado no meio rural, não puderam concluir os estudos.

Shang fez faculdade de engenharia de materiais durante quatro anos. Nesse período seus pais mandavam um valor financeiro mensal para ajudar nos seus estudos, algo possível graças ao aumento do nível da produção agrícola da terra dos pais, os quais, em face disso, puderam “fazer uma reserva”, que inclusive foi usada para pagar uma pequena taxa cobrada pela universidade onde Shang estudou.

Quando estava no último ano do curso na faculdade, Shang foi contratado pela Ghonzhu. Foi o seu primeiro emprego.

*Minha universidade terminou em 2004. Muitas empresas passavam na universidade para contratar os alunos que estavam se formando. Essas universidades escolhiam as pessoas para ir direto para a empresa. Na China funciona assim. Eles não escolhem somente os melhores alunos. Depende da necessidade. Se você estuda Arte é mais difícil. Depende da área que você estuda.*

Shang ficou dois anos como contratado no cargo de engenheiro de processo júnior. Então, houve uma seleção de engenheiros para um cargo na planta da Ghonzhu em Manaus.

*Foi no ano de 2007. A “Ghonzhu” estava precisando de pessoas, e o diretor do Brasil fez uma solicitação à matriz na China pedindo funcionários com o interesse de ir para o Brasil. Os funcionários com interesse deveriam enviar currículo para o RH da “Ghonzhu” da China. Eu deixei meu currículo. Eu era muito novo, e eu queria ter experiência, e para isso achava que o Brasil seria fundamental. Vi a vinda para o Brasil como a oportunidade de conhecer outro país. Eu ainda não tinha saído da China.*

<sup>21</sup> Os nomes são fictícios, mas obedece à estrutura adotada pelos chineses em Manaus: eles utilizam um nome local ou americanizado como primeiro nome. Já o segundo nome é o sobrenome chinês.





Shang relata que só havia uma vaga, mas concorriam 49 pessoas<sup>22</sup>. Contudo, Shang foi o aprovado, pois a empresa levou em conta, segundo ele, o fato dele saber falar inglês e ter experiência na montagem de ar condicionado.

*Além disso, falei para o diretor do Brasil que eu queria muito conhecer outro país. Quando fui aprovado, meu país ficaram muito felizes, pois eles me colocaram em primeiro lugar na vida deles. Eu não era casado na época, nem tinha namorada. Agora, a parte de tirar documentação para vir para o Brasil foi muito difícil. Desde que foi escolhido até receber o visto, demorou 6 meses.*

Hoje Shang ganha duas vezes mais o que era o seu salário na China, e é o responsável por entrevistar os candidatos a cargos gerenciais que vem da China para a Ghonzhu de Manaus. Ele retorna à China de seis em seis meses para visitar os pais, a mulher e o filho. Diz que já pensou em morar no Brasil, mas a mulher, quando veio visitá-lo, não se adaptou à cidade de Manaus.

*Talvez eu volte para a China no final do ano (2015). Meu filho, no segundo semestre vai para a escola. Ele tem cinco anos. Ele também já entende muita coisa, e pede para eu voltar lá. Eu queria morar no Brasil, se não fosse casado. Mas quando você é casado tem problema, porque minha esposa<sup>23</sup> e filho não querem morar aqui. Se eles quisessem morar aqui comigo, não teria problemas de ficar mais tempo no Brasil.*

Vale destacar que toda a conversa com Shang foi realizada em português, e ele fez questão de que assim o fosse. Quando o elogiamos pela fluência no nosso idioma, Shang desconversou:

*Não, não. Mês de janeiro (de 2015), quando voltei para a China esqueci muita coisa. Porque lá eu só penso coisas da China. Quase esqueço tudo. E agora não estou estudando português. Mas eu também leio. Leio melhor do que falo. Falar é difícil por causa da fonética. Gramática também é difícil. Ler é o melhor para mim.*

## **A trajetória dos gerentes chineses: o caso de Steve Nang**

Nossa segunda entrevista foi realizada com Steve Nang, 33 anos, gerente de engenharia de processo da Fang Zhong TV. Nang nasceu na Província de Fujian, em um pequeno vilarejo, e mora em Manaus há 9 anos. Na primeira vez que nos encontramos com ele, no ano de 2014, Nang, que é casado e tem filho, morava sozinho em Manaus. No começo de 2015, quando o entrevistamos novamente, sua esposa e seu filho tinham vindo morar com ele.

Encontramo-nos com Nang em uma cachaaçaria de um shopping de Manaus. Ele havia acabado de voltar das férias na China, e falava-nos<sup>24</sup> sobre a vinda da esposa para o Brasil, e reclamava de dores na garganta por conta da poluição do ar em seu país.

*Até agora tem sido bom para ela (a esposa). Porque aqui ela tem o marido. Aqui o ambiente é bom, porque o ar da China não é bom para respirar. Eu não estava me sentindo bem respirando o ar da China. Lá o ar está sujo. Tem mais poeira nele. Mas foi muito bom para mim (referindo-se às férias*

<sup>22</sup> Segundo ele, hoje, quando abre uma vaga para gerente em Manaus, a concorrência é em torno de 400 pessoas.

<sup>23</sup> Segundo Shang, as mulheres da China são “treinadas desde crianças a suportarem ficar longe dos futuros maridos”, por isso “ela (a esposa dele) não fica tão triste quando fica muito tempo longe de mim”.

<sup>24</sup> Em inglês, e, em alguns momentos, em português.



na China). *Eu vi minha família. Trouxe eles para cá. Agora meu trabalho está muito intenso. Algumas vezes não tenho tempo de cuidar da minha família. A “Fang Zhong” é uma empresa com muita correria, nos ocupa muito. É muito trabalho. O “Chaing” (chefe dele) me falou: “você precisa voltar para o Brasil pronto para resolver problemas, porque precisamos implementar projetos automotivos”. Então eu só tive 30 dias de férias dessa vez. Mas outras pessoas conseguem 45 dias de férias.*

Nang cresceu numa área rural do sul da China. Seu pai plantava arroz, chá e pêssegos, e ele ajudava-o no cultivo dessas culturas, juntamente com suas irmãs. Mas quando completou 17 anos, seu pai quisera que ele fizesse faculdade, contudo não tinham dinheiro para enviá-lo à universidade; isso porque uma situação climática adversa fez com que a família perdesse toda a produção. Diante disso, a solução foi pedir aos parentes dinheiro emprestado. Assim, conseguiram mudar-se para a cidade, onde o pai tornou-se um pequeno comerciante<sup>25</sup>.

Na cidade, Nang cursou a faculdade de agronomia “sem ter muita ideia do que era”. Quando concluiu o curso, um amigo da faculdade que trabalhava na empresa Fang Zhong ligou-lhe dizendo que a produção da empresa estava alta, e por isso, estavam contratando trabalhadores. Ele foi para a entrevista no setor de RH da empresa e conseguiu o emprego como “operador de linha”.

*Quando eu trabalhava como operador na “Fang Zhong” da China, eu via as pessoas consertando monitor de TV e achei legal. Aí eu fui falar com uma pessoa dessas: ‘o que você está fazendo é interessante’. E percebi que a pessoa ficava bem concentrada fazendo aquilo. Eu descobri que o salário de quem consertava o monitor era maior do que o meu, então comecei a estudar. Quando eu terminava meu turno de trabalho eu não saía da fábrica. Eu ficava no segundo turno, olhando o cara consertar para aprender. Eu ajudava ele a consertar o aparelho, aí ele começou a me ensinar. Quando passei para o segundo turno da empresa, eu entrava na fábrica duas ou três horas mais cedo para aprender. Aí as pessoas começaram a me perceber como alguém interessado e diziam: ‘esse rapaz quer aprender mesmo’. Então todo mundo me ensinou, e eu comecei a aprender um pouco mais de eletrônico.*

Desta forma, Nang conseguiu uma vaga de técnico em eletrônica, e depois tornou-se líder. Foi quando surgiu uma vaga para o cargo de supervisor de processos eletrônicos na fábrica da Fang Zhong em Manaus, e Nang se candidatou, concorrendo com outros 20 candidatos. Ele conta que o fato de saber inglês e ter mostrado interesse durante o período em que trabalhava no “chão de fábrica” da China o ajudou sobremaneira no momento da seleção, na qual foi aprovado.

Nang relatou que ficou muito entusiasmado quando surgiu a vaga para o trabalho em Manaus, pois, segundo ele,

*Na China tem muita concorrência. É muita gente querendo trabalho, e por isso o salário é menor que no Brasil, e não temos muitos benefícios como tem aqui.*

Em Manaus, Nang já ocupou o cargo de supervisor e coordenador. Hoje ele é o gerente de engenharia de processos, e ganha cerca de quatro vezes mais o que ganhava na China. Além disso, a empresa lhe concede alguns benefícios, como apartamento, despesas com água e luz, e passagem para a China durante as férias, o que revela uma situação privilegiada dos

<sup>25</sup> Nang contou-nos que quando vai em suas férias à China, leva consigo própolis, óleo de andiroba e copaíba para o seu pai vender no comércio chinês.



gerentes chineses em relação aos gerentes brasileiros das empresas chinesas, os quais não possuem esse sistema de benefícios.

Quando perguntamos a Nang quanto tempo pretende permanecer no Brasil, sua resposta foi de que depende de sua situação financeira.

*Eu já estou quase no fim da hierarquia (cargos da empresa). Não sei se vou querer outro posto. Um amigo (brasileiro) quer me dar um terreno de 10 mil metros quadrados para eu investir, mas eu quero ver antes. Nós vamos investir juntos, vamos plantar algo, mas ainda não tenho ideia. Vou ver antes o terreno. E eu nem tenho tanto dinheiro, porque agora meu filho está aqui. Ele tem 7 anos, e todos mês tenho de pagar dois mil reais para a escola. Eu não tive outra escolha. Porque ele (o filho) não fala português, então lá (na escola) ele vai aprender português e inglês. Minha esposa trouxe livros de matemática em mandarim e inglês para passar para o meu filho. Agora, realmente não sei quanto tempo vou ficar em Manaus. Esse ano economia do Brasil não está muito boa. Depende da situação financeira, como ela vai ficar. Mas dizem que quem come jaraqui<sup>26</sup> não sai mais daqui, né?*

## Considerações finais

O cerne do artigo foi revelar, através da discussão sobre as reformas político-econômicas implantadas na China, e do acompanhamento das trajetórias de trabalhadores chineses deslocados para Manaus, algumas conexões contemporâneas entre a economia, as culturas e os projetos nacionais de desenvolvimento. Significou postular, concretamente, que existem distintos elos sociais no mundo do trabalho que vão além das fronteiras nacionais, que, sob a lente da análise sociológica, evidenciam um regime de globalização em todos os níveis, sejam eles econômicos, culturais e sociais. Revelam, ainda, que nesse processo de mundialização de capitais e cultura há encontros de trajetórias, de histórias e de identidades.

Isso pode ser observado nas conexões que se estabelecem entre as reformas promovidas por Mao Tsé-Tung e Deng Xiaoping, e o modelo de desenvolvimento da Zona Franca de Manaus, na Amazônia. Houve, com efeito, um conjunto de mudanças na China que fez com que a população rural, que antes não possuía terras ou condições mínimas de vida, conseguisse gerar uma geração de jovens que saiu do meio rural em direção às cidades chinesas, e que posteriormente, chegou a Manaus, traçando, nesse sentido, uma rota da globalização no século XXI.

Esta região do globo, que desde a década de 1960 – portanto, bem antes da instauração das ZEEs na China –, tem um modelo de desenvolvimento pautado em incentivos fiscais e extrafiscais, passa a ser território do capital nacional chinês, que por seu turno, foi forjado em um modelo (salvas as diferenças) que guarda semelhanças quando comparado ao desenvolvido em Manaus. Isso é sintomático, e mostra que processos econômicos e formações sociais distintas passam a se entrelaçar no âmbito de uma economia e culturas globalizadas.

Outrossim, o artigo também permitiu visualizar o fato de que a China conseguiu, a partir do capital investido em seu território, estruturar uma base econômica, que hoje não somente importa bens, mas, sobretudo, os exporta, e com grande valor agregado. A Zona Franca de Manaus, ao contrário, continua presa ao modelo de montagem de produtos, não fomentando mecanismos de superação que possibilitem o uso dos capitais investidos na região enquanto alavanca para forjar um desenvolvimento baseado nas potencialidades locais, sem se tornar dependente dessa “acumulação primitiva”, que parece ser o que acontece hoje.

<sup>26</sup> Peixe endêmico da região amazônica, muito apreciado pela população local.



---

## Referências

- ACIOLY, L.; PINTO, E. C.; CINTRA, M. A. *As relações bilaterais Brasil – China: a ascensão da China no sistema Mundial e os desafios para o Brasil*. Brasília: IPEA, 2011. Grupo de Trabalho Sobre a China.
- BIATO JUNIOR, O. *A parceria estratégica Sino-Brasileira: origens, evolução e perspectivas (1993-2006)*. Brasília: FUNAG, 2010.
- CASTELLS, M. *A Sociedade em Rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura*. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009. v. 1.
- CHANGHONG, P. Revisão e panorama da reestruturação econômica da China. In: BELLUCCI, B. (Org.). *Abrindo os olhos para a China*. Rio de Janeiro: Educam, 2004.
- CUNHA, A. M.; ACIOLY, L. China: ascensão à condição de potência global: características e implicações. In: CARDOSO JUNIOR, J. C. et al. *Trajetórias recentes de desenvolvimento: estudos de experiências internacionais selecionadas*. Brasília: IPEA, 2009.
- GUOYING, D. Realizações agrícolas e reformas rural na Nova China. In: BELLUCCI, B. (Org.). *Abrindo os olhos para a China*. Rio de Janeiro: Educam, 2004.
- JABBOUR, E. M. K. *Projeto nacional, desenvolvimento e socialismo de Mercado na China de hoje*. 2010. 389 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- LEÃO, R. P. F.; PINTO, E. C.; ACIOLY, L. (Org). *A China na nova configuração global: impactos políticos e econômicos*. Brasília: IPEA, 2011.
- MACIEL, C. F.; MOURA, J. M. B. “De Mao a pior”? A questão trabalhista na China contemporânea. *Novos Cadernos*, Belém, v. 17, n. 2, p. 141-166, 2014.
- MASIERO, G. Origens das Township and Village Enterprises (TVEs) chinesas. *Revista de Economia Política*, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 425-444, 2006.
- MILARÉ, L. F. L.; DIEGUES, A. C. Contribuições da era Mao Tsé-Tung para a industrialização chinesa. *Revista de Economia Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 359-378, 2012.
- NABUCO, P. Hukou e migração na China: alguns apontamentos sobre divisão do trabalho. *Revista de Economia Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 237-258, 2012.
- PINHEIRO-MACHADO, R. *China, passado e presente: uma guia para compreender a sociedade chinesa*. Porto Alegre: Ates e Ofícios, 2013.
- SUKUP, V. A China frente à globalização: desafios e oportunidades. *Revista Brasileira de Política Internacional*, Brasília, v. 45, n. 2, p. 82-113, 2002.
- SUPERINTENDÊNCIA DA ZONA FRANCA DE MANAUS - SUFRAMA. *Indicadores de desempenho do Polo Industrial de Manaus (2010-2015)*. Manaus: SUFRAMA, 2015. Relatório de Setembro



---

YUANLUN, Q. A questão do desemprego e as medidas políticas na China. In: BELLUCCI, B. (Org.). *Abrindo os olhos para a China*. Rio de Janeiro: Educam, 2004.

ZEMIN, J. *Reforma e construção da China*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

ZHAO, Y. Labor migration and earnings differences: the case of rural China. *Economic Development and Cultural Change*, Chicago, v. 47, n. 4, p. 767-782, 1999.

ZHENG, L. O caminho do desenvolvimento econômico Chinês. In: BELLUCCI, B. (Org.). *Abrindo os olhos para a China*. Rio de Janeiro: Educam, 2004.

---

Recebido: 20 out., de 2015  
Aceito: 22 dez., de 2016